

A Representação da Instabilidade do Mundo Moderno nas Parábolas de Brecht e de Kierkegaard

Jaison Luís Crestani (UNESP/Assis)

Resumo:

Utilizando-se de um gênero corrente da tradição bíblica, Sören Kierkegaard (1813-1855) e Bertolt Brecht (1898-1956) deixaram memoráveis parábolas ao longo de suas obras. Atentando para as similitudes e divergências do modo de apresentação do gênero da parábola em sua versão tradicional e moderna, este trabalho propõe uma análise comparativa entre a representação da instabilidade do mundo moderno traçada nas parábolas “The new shoes” (“Os sapatos novos”), de Kierkegaard, e “O sr. K. dirige automóvel”, de Brecht. Nessas narrativas, o espaço urbano é representado como signo da instabilidade e do estado de crise e incoerência do indivíduo no mundo moderno.

Abstract:

Utilizing a usual literary form of biblical tradition, Sören Kierkegaard (1813-1855) and Bertolt Brecht (1898-1956) produced memorable parables along their works. Looking at the similarities and divergences between the traditional and modern parable's presentation, this work proposes a comparative analysis about the representation of modern world's instability in the parables “The new shoes”, written by Kierkegaard, and “O sr. K. dirige automóvel”, by Brecht. In these narratives, the urban space is represented as sign of instability and crisis and incoherence of human being in the modern world.

Palavras-Chave: Parábolas; Kierkegaard; Brecht.

Keywords: Parables; Kierkegaard; Brecht.

Mots-Clé: Paraboles; Kierkegaard; Brecht.

Palabras-Llaves: Parábolas; Kierkegaard; Brecht.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende traçar um estudo crítico-literário da parábola, articulando as formulações do modelo bíblico com as manifestações do gênero na literatura moderna e contemporânea. Dentre os autores que se utilizaram dessa forma característica de discurso presente na Bíblia, destacam-se os nomes de Sören Kierkegaard, Franz Kafka e Bertolt Brecht. Para este trabalho, optou-se especificamente por ocorrências do gênero na obra de Kierkegaard e de Brecht, que deixam transparecer nitidamente as marcas da influência bíblica nas suas produções filosófico-literárias. Pretende-se, inicialmente, traçar algumas considerações em torno das propriedades estruturais do gênero tradicional e das transformações que marcaram as manifestações da parábola moderna. Na seqüência, propõe-se analisar o modo como essa forma literária se configura sob as penas de Kierkegaard e de Brecht, direcionando o olhar crítico para aos procedimentos formais e recursos lingüísticos articulados na dinâmica textual da parábola, que atuam na representação do urbano como signo da instabilidade da condição do indivíduo no mundo moderno. Essas propriedades atestam a modernidade da visão de mundo dos textos em análise e do modo de apresentação do gênero da parábola no contexto da literatura moderna e contemporânea.

PROPRIEDADES ESTRUTURAIS DO GÊNERO TRADICIONAL

Em *A Parábola* (1998), Marco Antônio Domingues Sant'Anna considera que a parábola se afirma como gênero literário a partir das manifestações bíblicas do Novo Testamento. De acordo com a definição de Sant'Anna, a parábola é uma narrativa breve, amimética e alegórica. O amimetismo referido por Sant'Anna pode ser percebido nas categorias das personagens, do espaço e do tempo, ou seja, a configuração desses elementos não mantém vínculos com a realidade empírica, seguindo um princípio de organização interna que lhe imprime um caráter universal. Com raríssimas exceções que acabam confirmando a regra, as

personagens não apresentam nomes próprios e nem caracterizações psicológicas individualizantes, os espaços não são definidos geograficamente e o tempo não é marcado cronologicamente.

Essas particularidades fazem com que a parábola seja onipessoal, onigeográfica e onitemporal, ou seja, que não se dirija a um grupo específico de pessoas, nem se restrinja a uma região particular e nem se limite a uma época determinada pelo cronos. Portanto, graças ao seu caráter universal, a parábola pode ser dirigida a qualquer pessoa e abordada em qualquer época e lugar, sem perder o seu potencial expressivo.

Em sua forma tradicional, a parábola também se configura como uma “metanarrativa”, ou seja, uma narrativa passível de ser encaixada no corpo de um discurso mais amplo. Isso só é possível por ser ela uma narrativa breve, tendo em média de 150 a 200 palavras; caso contrário, ocorreria uma digressão.

Além dessas especificidades, a parábola apresenta-se como uma narrativa alegórica, o que permite a transposição do público para um universo ficcional, ilustrando o princípio a ser transmitido de uma maneira envolvente e agradável. E a exortação, por mais fulminante que seja, fica amenizada, num primeiro momento, pela estória contada.

Por servir como uma forma de confronto interpessoal, a parábola utiliza-se de uma estratégia comunicativa em construção, cujos resultados são alcançados com a participação do interlocutor ou do leitor/ouvinte. Dessa forma, o material empregado em sua composição textual tende a ser de fácil compreensão, já que o receptor deve fazer prontamente a reprodução das imagens sugeridas, oferecendo uma resposta imediata ao estímulo dado. Nesse sentido, a parábola se caracteriza pela capacidade de enredar os seus leitores/ouvintes; a narrativa ficcional encenada, de uma maneira geral, tem a intenção de provocar emoções no interlocutor, induzindo-o a tomar um partido (declarado ou não) diante da situação representada, sem se dar conta de que está julgando-se a si próprio. Um dos exemplos mais expressivos dessa forma de confronto interpessoal se dá na *Parábola da ovelhinha do pobre*, em que o rei Davi é levado a declarar a sua própria sentença (Cf. II Samuel 12: 11-17).



A familiaridade dos elementos empregados na composição textual da parábola trabalha também em função de ela constituir uma forma narrativa destinada à memorização e à reprodução oral. De um modo geral, a parábola aplica um processo de comparação a partir do qual os elementos que o leitor/ouvinte conhece e domina são articulados com os que ele desconhece. Nesse procedimento comparativo, situações concretas e elementos sensíveis são empregados para ilustrar conceitos abstratos e verdades espirituais.

Considerando essas propriedades do gênero da parábola em sua forma tradicional, Marco Antônio Sant'Anna considera que embora a parábola bíblica seja inegavelmente composta de elementos literários, estruturada através de processos característicos desse campo e requeira procedimentos hermenêuticos próprios da Teoria da Literatura para sua interpretação, é sabido que a intenção primeira do autor não foi a de provocar o prazer estético. Em contrapartida, as manifestações do gênero moderno, despreendendo-se dos interesses religiosos e firmando propósitos estritamente literários, passam a se configurar por uma nítida busca pelo prazer estético, conforme apresentaremos nos tópicos seguintes.

TRANSFORMAÇÕES ESTRUTURAIS DO GÊNERO MODERNO

A parábola como gênero literário divide-se, conforme a classificação proposta por Marco Antônio Domingues Sant'Anna (1998), em duas versões: a antiga e a moderna. A primeira tem como representante mais expressivo as parábolas bíblicas, principalmente as narradas por Jesus no Novo Testamento. A versão moderna, por sua vez, tem suas manifestações disseminadas pela literatura moderna e contemporânea.

Diversos fatores contribuíram para as transformações que se operaram no gênero; dentre eles destacam-se as alterações sócio-político-econômicas que exigem adaptações estéticas capazes de ajustar o discurso artístico às novas orientações e valores do mundo moderno, – processo que é definido por Anatol Rosenfeld nos seguintes termos:

Uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser um mundo explicado, exige adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra (ROSENFELD, 1969: 84).

Além disso, faz-se necessário considerar as alterações que ocorreram no contexto de produção da parábola, ou seja, a transposição da parábola do seu contexto bíblico-religioso para o campo da literatura, o que desencadeou uma nítida busca pelo prazer estético nas intenções dos autores e, conseqüentemente, a necessidade de uma recepção crítica dos textos, orientada estritamente por critérios literários.

Nesse sentido, considerando as transformações técnicas da arte moderna, acompanhadas pelo gênero da parábola, tomamos como parâmetro de análise as apreciações traçadas por Umberto Eco, no livro *Obra aberta* (1971):

Rompendo [os] módulos de ordem, a arte fala do homem de hoje, através da maneira pela qual se estrutura. Mas, ao afirmar-se isto, faz-se a afirmação de um princípio estético do qual não mais nos deveremos afastar se quisermos prosseguir nessa linha de pesquisa: o discurso primeiro da arte, ela o faz através do *modo de formar*; a primeira afirmação que a arte faz do mundo e do homem, aquela que pode fazer por direito e a única de significação real, ela a faz dispondo suas formas de uma maneira determinada, e não pronunciando, através delas, um conjunto de juízos a respeito de determinado assunto (ECO, 1971: 255-6).

Portanto, considerando que a parábola moderna apresenta-se como uma modalidade discursiva que atinge seus efeitos por meio do trabalho com a linguagem e por meio da disposição dos seus elementos estruturais, firma-se a exigência de uma análise literária especializada, capaz de apreciar a complexidade de suas estruturas formativas, a abertura das suas operações discursivas e o alcance de seu potencial estético.

A REPRESENTAÇÃO DO URBANO COMO DESENCADEADOR DA FRAGMENTAÇÃO DAS PERSONAGENS NA PARÁBOLA “THE NEW SHOES”, DE SÖREN KIERKEGAARD

Utilizando-se de uma forma característica de discurso presente na tradição bíblica, Sören Kierkegaard deixou memoráveis parábolas ao longo de sua obra.



Um exemplo expressivo é a parábola “The new shoes” (“Os sapatos novos”) que se destaca pela concisão e pela linguagem simbólica de alto teor metafórico que a caracteriza:

Os sapatos novos

Quando a tarefa é tornar-se alguém, a que devemos comparar o indivíduo que nem mesmo reconhece que ele tem, ou é, um eu?

Conta-se que um camponês chegou (descalço) à Capital e fez tanto dinheiro que ele mesmo pôde comprar um par de sapatos e meias e ainda restou o suficiente para embebedar-se – conta-se que quando estava tentando, em sua embriaguez, encontrar o caminho para sua casa, deita no meio da estrada e adormece. Então, ao longo, veio uma carroça e o condutor gritou para ele afastar-se ou atropelaria suas pernas. Assim, o camponês, embriagado, acordou, olhou para as suas pernas e, por causa dos sapatos e meias, não as reconheceu, dizendo ao condutor: “Siga adiante, elas não são as minhas pernas” (KIERKEGAARD, 1989: 19, tradução nossa).

Conforme as considerações de Thomas C. Oden (1998), organizador da coletânea em que esta parábola foi recolhida, o título e a epígrafe, embora derivem diretamente da narrativa ou do contexto do qual foi retirada, não são encontrados no texto original. Esse formato, no entanto, guarda uma significativa relação com o modelo bíblico, no sentido de que a forma interrogativa da epígrafe recupera parcialmente a função de estabelecer um confronto interpessoal com o receptor, requerendo dele uma resposta imediata (declarada ou não) sobre o estímulo dado. A participação do leitor, nesse caso, torna-se indispensável para a formulação do discurso parabólico, pois se aplica um processo no qual a busca dos resultados segue um caminho que é construído em conjunto com o leitor e a partir de seu posicionamento diante do texto. Nesse aspecto, a parábola revela a sua capacidade de enredar os leitores, dispendo suas formas de modo a suscitar emoções que os induzem a fazer a escolha prevista por ela.

Essa exigência de que os leitores façam escolhas imaginárias, prevista pelo processo de construção textual, está intimamente associado ao pensamento existencialista de Kierkegaard. Segundo ele, existir é escolher e apaixonar-se, ou, noutra acepção, encontrar uma verdade pela qual se possa viver e morrer. Ele também defende a idéia de que a verdade está na subjetividade de cada indivíduo e que essa verdade só se torna verdadeira quando o homem se apropria dela e a

converte em vida. Dessa forma, as escolhas requeridas por suas parábolas têm por finalidade demonstrar a forma como o receptor compreende-se a si próprio.

Note-se que a parábola selecionada para análise mantém as principais propriedades estruturais do gênero na sua versão tradicional: brevidade, facilidade para a memorização e transmissão oral, amimetismo em relação às categorias das personagens, do espaço e do tempo. Assim como ocorre nos exemplares bíblicos, os espaços são caracterizados por uma apresentação generalizante (campo e Capital), o tempo não é marcado cronologicamente, impossibilitando qualquer identificação com um período histórico determinado, e as personagens apresentam-se como *tipos*, sem indicação de nomes próprios, nem especificações individualizantes. Essa forma amimética de estruturar os elementos centrais da narrativa exerce, por um lado, a função de assegurar o caráter universalizante da parábola e de facilitar a sua reprodução oral. Por outro lado, a apresentação generalizante dessas categorias, ao dispensar a descrição extensiva das especificações espaciais e temporais e dos caracteres físicos e psicológicos das figuras representadas, trabalha em favor da concisão e da economia da parábola – fatores indispensáveis para a sua afirmação como um gênero literário.

Investindo na economia narrativa, a construção da personagem é desenvolvida a partir de um processo dinâmico. O título e a epígrafe da parábola, por si próprios, são expressivos dessa caracterização dinâmica, uma vez que indicam um processo de transformação de estado pela referência a “sapatos novos” e à questão de “tornar-se alguém”.

Nesse sentido, o primeiro procedimento operado por essa construção dinâmica e em movimento da personagem é o deslocamento espacial. O camponês, protagonista da narrativa parabólica, define-se, segundo os caracteres distintivos da classe tipológica, como aquele que vive ou trabalha no campo. Em contrapartida, sua primeira ação desempenhada na narrativa é deslocar-se para a Capital – espaço urbano, marcado por regras, hábitos e estilos de vida radicalmente opostos e estranhos ao seu *habitat* natural.



Em segundo lugar, opera-se, na construção da personagem, uma transformação de ordem econômica. Por meio da referência ao modo como o camponês chegou à Capital (“descalço”), constata-se que a sua condição inicial corresponde a uma posição bastante inferior na escala social, indicando o seu estado de extrema pobreza. Entretanto, chegando à Capital, o camponês “fez *tanto* dinheiro, que ele mesmo poderia comprar sapatos e meias e ainda restou o suficiente para embriagar-se”. Portanto, a segunda transformação procedida na caracterização da personagem promove a passagem do estado de pobreza e de privação para uma posição mais confortável na escala social.

Em terceiro lugar, procede-se uma transformação de ordem mental, decorrente das modificações já referidas. A transferência para a Capital e o alcance de condições para a aquisição de bens de consumo, possibilita ao camponês o acesso à bebida, operando uma passagem do estado de lucidez mental para o de embriaguez e perturbação dos sentidos.

Todas essas transformações procedidas em torno da personagem desencadeiam a perda da integridade e da identidade humanas do camponês. Desse modo, encontrando-se embriagado e adormecido no meio da estrada e estando de posse dos sapatos e meias novos que adquiriu, o camponês, ao ser solicitado pelo condutor da carroça a se afastar, *não reconhece suas próprias pernas* e ordena ao condutor que “siga adiante”.

A atitude absurda do camponês adquire uma tonalidade cômica e ridícula, contrastando com a seriedade da situação que pode resultar em trágicas conseqüências para a personagem. Dessa forma, a combinação de elementos contrários do trágico e do cômico instaura o nó dialético que caracteriza a visão de mundo paradoxal desenvolvida por Kierkegaard em suas parábolas e narrativas metafóricas.

Verifica-se, portanto, que a situação narrativa representada na parábola se ajusta plenamente às considerações traçadas por Anatol Rosenfeld (1969) sobre as tendências do romance moderno no que concerne ao modo de construção das personagens. Conforme o autor, na literatura moderna, desfaz-se a personagem nítida, de contornos firmes e claros, tão típica do romance convencional, perde-se

a noção da personalidade e do caráter elaborado de modo plástico. O ser humano se fragmenta e se decompõe, deixando-se, assim, de apresentar “o retrato de indivíduos íntegros” (ROSENFELD, 1969: 83).

Inserida numa situação conflituosa e alienante, a personagem apresenta-se de forma fragmentária e contraditória, praticando atos absurdos que assinalam a perda da integridade e identidade humanas e a não coincidência do homem consigo mesmo – situação expressiva do estado de crise e incoerência do indivíduo no mundo moderno. Essas propriedades atestam, portanto, a modernidade da obra kierkegaardiana e da forma de apresentação do gênero da parábola no contexto literário.

A REPRESENTAÇÃO DO AUTOMÓVEL COMO SIGNO DA INSTABILIDADE DA VIDA URBANA E DO MUNDO MODERNO NA PARÁBOLA “O SR. K. DIRIGE AUTOMÓVEL”, DE BERTOLT BRECHT

Em nova edição das *Histórias do sr. Keuner* (2006), foram reunidas 102 narrativas que assumem uma configuração característica do gênero parábólico. Assim como as formulações do modelo bíblico e das produções de Kierkegaard, as histórias do Sr. Keuner caracterizam-se pela extrema concisão e economia narrativa, dispensando descrições extensivas sobre marcações espaciais, temporais e aspectos da compostura física ou psicológica das personagens.

Ajustando-se às propriedades estruturais do gênero da parábola, as histórias criadas por Brecht investem no potencial alegórico e metafórico dessa forma discursiva, conforme transparece exemplarmente em “O sr. K. dirige automóvel”:

O sr. K. tinha aprendido a dirigir automóvel, mas ainda não dirigia muito bem. “Eu só aprendi a dirigir um automóvel”, ele se desculpava. “Mas temos que saber dirigir dois, isto é, também aquele que vai na frente do nosso. Apenas quando observamos quais as condições do tráfego para o automóvel que vai na frente, e quando julgamos os seus obstáculos, é que sabemos como proceder em relação a esse automóvel” (BRECHT, 2006: 58).



Dotado de um senso de humor peculiar, a narrativa executa uma instigante combinação entre a simplicidade textual da representação do aprendizado da condução de um automóvel e a visão penetrante das relações humanas na sociedade moderna articulada pela dimensão metafórica da narrativa. Conforme as considerações de Carlos Erivany Fantinati, o deslocamento semântico operado pela construção narrativa atua no sentido de explicitar as implicações sociais do discurso figurado da parábola:

Elemento decisivo para se entender o texto é o deslocamento semântico que se dá entre a expressão inicial “aprender a dirigir um automóvel” e a formulação final “saber como proceder em relação a esse [segundo] automóvel”. Esse deslocamento semântico torna transparentes e explícitas as dimensões sociais e morais da esfera figurada, apontando a passagem de um ato mecânico e individual, no início, para, no final, um processo social de relação entre seres humanos (FANTINATI, 1997: 9, col. 3).

Sob a aparência de uma narrativa organizada em termos puramente humorísticos, a parábola de Brecht investe na construção de uma dimensão alegórica, a partir da qual o tráfego dos automóveis transfigura-se em signo do trânsito social. Dispensando a perspectiva intimista do modo de ser individual, a parábola “O Sr. K. dirige automóvel” prioriza a interação entre os homens, a circunstância do *estar* em sociedade, na contingência do contato com o outro. Nessa representação ficcional, transparece uma concepção dialógica da condição humana, segundo a qual o sujeito se constitui na sua relação com o outro.

Noutra perspectiva, o automóvel apresenta-se como signo da modernidade da vida urbana. Nesse sentido, a sua condução adequada depende do conhecimento do outro automóvel que “vai na frente” e das “condições de tráfego” que lhe são oferecidas. A imprevisibilidade inerente ao movimento do *outro* desencadeia a instabilidade que preside tanto o trânsito de veículos quanto o trânsito social dos seres humanos.

Desviando-se da argumentação arquitetada de modo a desembocar numa conclusão reveladora, o texto de Brecht investe na abertura narrativa que instiga o leitor a dirigir um olhar crítico aos procedimentos formais e recursos lingüísticos articulados na dinâmica textual da parábola, a fim de apreender o

sentido latente construído nas entrelinhas do texto. As propriedades discursivas ensaiadas em “O sr. K. dirige automóvel” atestam, portanto, a apreciação geral das *Histórias do sr. Keuner*, traçada por Vilma Botrel Coutinho de Melo no posfácio que acompanha o volume:

Nesses textos, que variam de uma linha a uma página e meia, Brecht [...] deixa a história em aberto, terminando, às vezes, com um dito engraçado ou uma resposta irônica, surpreendente ou desconcertante, quase um quebra-cabeça para o leitor. Ao acabar de ler, este perceberá que não há propriamente uma conclusão para a argumentação, mas que esta consiste num infundável processo dialético (MELO, 2006: 130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível analisar os procedimentos formais e temáticos que atuam na construção do nó dialético esboçado na estrutura narrativa das parábolas de Kierkegaard e de Brecht. Como se observa, ambas as parábolas encerram-se de maneira aberta, apresentando-se como um desafio à capacidade crítico-reflexiva do leitor, que deve desatar os nós dialéticos por sua própria conta. Nesse sentido, nota-se que a concepção de literatura firmada por Kierkegaard no excerto abaixo serve cabalmente para definir o escopo das duas parábolas analisadas neste trabalho:

Literatura não deve ser uma clínica para deficientes físicos, mas um parque de diversões para crianças saudáveis, felizes, fortes, sorridentes, bem-desenvolvidas; crianças de verve, bem formadas, inteiras, seres satisfeitos, sendo cada uma delas a imagem da sua mãe e tendo a vitalidade de seu pai – não o aborto de fracos desejos, nem o refugio após o nascimento (Kierkegaard *apud* ODEN, 1989: xi).

Verifica-se, portanto, que as parábolas de Kierkegaard e de Brecht apresentam uma nítida intenção de estimular o exercício lúdico-interpretativo e de despertar o prazer estético, requerendo do leitor um trabalho hermenêutico de exploração das propriedades do discurso e dos processos de construção da dinâmica textual. De acordo com as considerações de Umberto Eco (1971), o discurso aberto se caracteriza pela ambigüidade e pela possibilidade de interpretações diversas e, principalmente, pelo fato de ter como “primeiro significado a própria estrutura” e de nos reenviar “antes de tudo não às coisas de



que ele fala, mas ao modo pelo qual ele as diz”, representando, assim, um “apelo à responsabilidade, à escolha individual, um desafio e um estímulo para o gosto, para a imaginação, para a inteligência” (ECO, 1971: 280). Nesse sentido, é enquanto discurso aberto, lúdico e dinâmico que as parábolas de Kierkegaard e de Brecht revelam o seu potencial expressivo e a sua riqueza estética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BRECHT, Bertolt. *Histórias do Sr. Keuner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 5.ed. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- FANTINATI, Carlos Erivany. A parábola no ensino. In: SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues (org.). *Proleitura*. A parábola. Assis: Departamento de Literatura da FCL da UNESP. Ano 4, nº. 14, jun/1997, p. 9.
- KIERKEGAARD, Sören. *Parables of Kierkegaard*. Edição e seleção de Thomas C. Oden. London: S & C Press, 1989.
- MELO, Vilma Botrel Coutinho de. “A verdade, minha casa e meu carro!”. In: BRECHT, Bertolt. *Histórias do Sr. Keuner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2006, pp. 125-135.
- ODEN, Thomas C. Introduction. In: KIERKEGAARD, Sören. *Parables of Kierkegaard*. London: S & C Press, 1989, pp. vii-xviii.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto e Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. *A Parábola*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, 322p. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista, 1998.